

## **Práticas musicais que fizeram a Educação Musical no Pará da primeira metade do século XX**

*Lia Braga Vieira*  
*Universidade Federal do Pará*  
e-mail: [liab@amazon.com.br](mailto:liab@amazon.com.br)

### **Sumário:**

Trata-se de pesquisa em andamento sobre as músicas, os músicos e seus espaços de circulação em Belém do Pará, entre 1901 e 1950. A investigação vem sendo realizada desde o ano de 2002, no Acervo "Vicente Salles" da Biblioteca do Museu da Universidade Federal do Pará. O objetivo final do estudo é identificar a educação musical ou a construção de sensibilidades musicais, informalmente oportunizadas por essas músicas e seus músicos, nesses espaços de suas realizações sociais.

**Palavras-Chave:** Pará. Música. Músicos. Educação musical informal.

### **1 Introdução**

O século XX no Pará iniciou com a queda da economia da borracha. Como efeito, ocorreu o enfraquecimento do patrocínio do governo à vida artístico-cultural do Estado. O Instituto Carlos Gomes, criado em 1895, foi fechado, conjuntos instrumentais se extinguíram e muitos músicos partiram do Pará em busca de trabalho em outros centros culturais do país e exterior. Não obstante, alguma resistência foi demonstrada pela permanência de músicos em Belém, que se mantiveram, sobretudo ministrando aulas particulares e nos colégios, regendo ou tocando na orquestra remanescente e em bandas militares de música e comendo. A reabertura do Instituto Carlos Gomes em 1928 (ou 1929?) congregou novamente vários desses músicos. Desse período, apenas os músicos paraenses que se deslocaram para o Rio de Janeiro são destacados na biografia musical brasileira. Isto não quer dizer, no entanto, que naquele período não houvesse outros compositores no Pará. Percebe-se, aí, um efeito do senso comum de que a decadência da economia teria determinado uma suspensão do movimento musical local. A superficialidade desse raciocínio ignora as possíveis estratégias locais de sobrevivência musical. O Acervo "Vicente Salles", com suas coleções iconográficas, de partituras, periódicos, programas, recortes de jornais e discos oferece materiais que exigem um estudo cujos resultados explicitem uma produção composicional do Pará ou importada por grupos consumistas da primeira metade do século XX.

As questões que se colocam são: que músicas eram essas? Quem eram os músicos que as compunham e/ou executavam? Em que espaços eram difundidas?

A investigação dessas questões tem sido fundamental para esclarecer uma questão final: que educação musical era oportunizada à população da Belém do Pará da primeira metade do século XX?

A pesquisa vem sendo realizada no Acervo "Vicente Salles" da Biblioteca do Museu da Universidade Federal do Pará, desde o ano de 2002. Desde então, pelo menos dois trabalhos de conclusão de curso e três monografias de especialização foram realizados no âmbito dessa pesquisa, que envolve levantamento de partituras, livros, recortes de jornal, programas de concertos, cartas e material iconográfico, abrangendo também acervos particulares e da Biblioteca Pública do Estado do Pará.

As partituras datadas no período de 1901 a 1950 foram catalogadas, identificando autores, títulos, número de páginas, gêneros, instrumentos, editoras, locais de publicação, datas de publicação e observações complementares. Os recortes de jornais, programas e material iconográfico têm auxiliado na identificação dos espaços de apresentação musical, repertórios aí

executados, compositores, intérpretes e público presente. Os livros do acervo têm iluminado as investigações, esclarecendo sobre aspectos culturais, sociais e econômicos da cidade, direta ou indiretamente relacionados à vida musical da época pesquisada.

As reflexões sobre a educação musical da população emergem do quadro musical que vem sendo possível compor com as tintas fornecidas pelas fontes investigadas.

## **2 Músicas no Pará da primeira metade do século XX**

Foram catalogadas 1.284 partituras avulsas, de 342 compositores e/ou arranjadores. Não foi possível identificar datas e locais de nascimento e morte desses músicos. As informações às quais se teve acesso indicam que nem todos eram paraenses; alguns pertenciam a outras cidades do Brasil, como o Rio de Janeiro, ou do exterior, com destaque a Portugal. A presença de obras desses compositores no Acervo não significa que eles ou suas partituras estiveram em Belém entre 1901 e 1950. Todavia, quando os textos musicais apresentam dedicatórias manuscritas ou impressas que indicam propriedade de paraenses, sinalizam que essas músicas faziam parte da vida cultural de grupos sociais dessa capital ou de cidades do Pará.

As partituras que foram compostas por músicos paraenses ou que circularam em Belém são peças curtas, quase sempre com duas a seis páginas, sendo boa parte delas cópias manuscritas ou manuscritos originais do próprio autor. As obras impressas indicam que em Belém havia editoras. Destacam-se: José Mendes Leite, R. L. Bittencourt, Livraria Universal de Tavares Cardoso & Cia., Belém Musical de M. Bastos & Cia., Alberto, Frennd & Cia., Pacote das Novidades, Pará-Chic, Bazar Ideal de L. Santos & Cia. e Empório Musical de Abílio da Fonseca. Como acontecia em outras cidades brasileiras, essas editoras tinham suas próprias lojas de venda, que podiam receber o mesmo nome da editora. Também puderam ser observadas pequenas variações nos nomes de editoras e das livrarias devido à mudança de proprietários. Segundo Salles (1970), algumas dessas partituras eram estampadas no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em estamarias da Europa. Daí o nome de algumas delas constarem nas obras impressas: Vieira Machado & Cia. (Rio de Janeiro), Campassi & Camin (São Paulo), Breitkopf & Härtel (Leipzig).

Além das editoras locais, partituras do Acervo indicam editoras de outras cidades do Brasil, cujas obras eram encomendas e vendidas em Belém, conforme impresso nas capas: Casa Editora Carlos Wehrs (Rio de Janeiro), Arthur Napoleão Ltda. (Rio de Janeiro), Casa Mozart (Rio de Janeiro), A Guitarra de Prata (Rio de Janeiro), E. S. Mangione (Rio de Janeiro e São Paulo), Irmãos Vitale (São Paulo), Donizetti (Manaus). Há, também, obras impressas por gráficas ou editoras estrangeiras: J. H. Moreau (Bruxelas), Copisteria Musicala del prof.r Achille Bernardi (Italy), R. Fantusi Editore (Milano).

O estudo das partituras do Acervo permitiu identificar periódicos, como O Malho (Rio de Janeiro), que publicava peças musicais curtas, de compositores de várias cidades do país, inclusive do Pará.

A maior parte do repertório encontrado no Acervo compreende peças para piano ou para canto e piano; mas há também obras para coro, orquestra, música de câmara e grupos regionais. Predominam, no repertório, as danças: valsa, polca, schottisch, mazurka, habanera, bolero, tango, passo double, quadrilha, maxixe, marcha, samba, entre outras. A influência da música norte americana é marcada pelo fox-trot, fox-shimmy, fox-blue, slow-fox, one-step, two-step, charleston, rag-time. Como ocorreu em outras cidades brasileiras, Belém viveu o hibridismo desses gêneros.

Esse repertório, mais erudito ou mais popular, era executado muitas vezes por artistas paraenses ou de outras localidades do país e ainda do estrangeiro, mesmo nesses tempos mais difíceis para a economia do Pará. Em uma tabela demonstrativa de espetáculos musicais em Belém no século XX, Fonseca (2005) lista as apresentações musicais datadas de 1908 a 1942, detalhando locais, compositores, intérpretes, programas e gêneros executados.

Os espaços de apresentação podiam ser os saraus dos palacetes das famílias que possuíam piano, ou salões de espera de cinemas, como o Olympia, inaugurado em 1912, ou as casas de

espetáculo, como os teatros de Belém na primeira metade do século XX, dentre os quais se destacam nas notícias dos jornais e programas até o momento investigados: Éden, Palace Theatre, Teatro Bar Paraense e Theatro da Paz. Os clubes compreendiam outro conjunto de espaços de apresentações musicais: Tuna Luso Comercial, Sport Clube do Pará, Clube do Remo. Além disso, havia os famosos programas da Rádio Clube do Pará (Maia, 2006).

### **3 Educação musical informal oportunizada pelas músicas no Pará da primeira metade do século XX**

As informações coletadas no Acervo permitem observar o consumo musical das classes socialmente mais privilegiadas, às quais era possível tanto a posse de um piano, quanto pagar as aulas nesse instrumento para seus filhos.

Era comum as partituras impressas apresentarem, na última capa, propagandas das lojas que vendiam pianos importados da Europa. Essas propagandas também diziam respeito a instrumentos de banda e de orquestra.

O piano era o instrumento mais vendido pela possibilidade de nele ser tocado variado repertório, muitas vezes reduções de obras escritas para banda de música ou orquestra. O piano também fazia parte de pequenos conjuntos, que tocavam nos cinemas e demais casas de espetáculos (Salles, 1994) freqüentados pelos que eram portadores de disposições culturais, de condições de investimento econômico e de tempo para essa forma de lazer, de preenchimento do tempo ocioso. Essa ocupação incluía as aulas particulares nos pianos que tinham lugar de destaque na sala de visitas ou na sala de música do palacete. As aulas de piano eram atividades sociais de distinção, e era esse o seu único fim.

Reunir amigos em saraus lítero-musicais, para os quais era convidada a elite das classes artísticas e intelectuais era outra prática em que o piano estava presente (Vieira, 2001; Maia, 2006). Da mesma forma, quem freqüentava o cinema, tinha a oportunidade de ver e ouvir "pianeiros". Os "pianeiros" não podiam ser confundidos com os pianistas formados no conservatório local, cujos professores pressionavam os alunos mais adiantados a não se envolverem em práticas daquela natureza - seus lugares eram os palcos dos teatros locais, executando obras consideradas eruditas (Vieira, 2001).

Além do piano, destaca-se como instrumento de educação musical na Belém da primeira metade do século XX, o rádio cuja aquisição só era possível a alguns privilegiados. As pessoas podiam se dirigir às lojas de música, onde esse objeto era vendido e lá ouvi-lo (ou apreciar as últimas novidades musicais executadas pelos pianistas das lojas, antes de adquirir as partituras). Mas havia outras soluções: as pessoas podiam reunir-se na casa dos amigos que possuíssem esse aparelho. Quem não podia entrar nas casas, ouvia da calçada. A rádio também transmitia seus programas de auditório ou realizados em ambientes mais restritos, como as apresentações dos cantores líricos paraenses "Irmãos Nobre", cujos concertos eram transmitidos de sua própria residência (Maia, 2006).

As partituras coletadas indicam que o gosto musical em Belém, entre 1901 e 1950, aproximava-se da música erudita - ora lírica, ora instrumental em voga nas principais capitais brasileiras e européias - e do que era moda na música popular da capital federal - o Rio de Janeiro. Até 1908, as elites artísticas, intelectuais e econômicas paraenses puderam assistir temporadas anuais de companhias líricas, cujas vindas a Belém o governo estadual patrocinava (Salles, 1970).

Esse gosto musical se ampliava à música que as bandas tocavam nas praças. Fotografias do Acervo apresentam coretos, pavilhões e teatrinhos provisórios onde ocorriam apresentações de música, teatro e dança. Provavelmente, esse era o espaço musicalmente mais democrático no acesso, por onde circulavam pessoas de diversas origens sociais. No entanto, elas podiam selecionar qual praça freqüentar e, portanto, qual espetáculo assistir, evitando ou buscando gêneros com os quais estivessem mais familiarizadas e não ferissem seus valores estéticos e morais.

#### 4 Conclusão

As práticas registradas nas partituras, fotografias, programas, em recortes de jornais e livros dão uma percepção de práticas musicais cujo acesso teve como efeito uma educação musical informal. Essa educação musical aparece identificada com classes socialmente privilegiadas, face às disposições culturais e materiais que exigiam para seu consumo. Essas exigências, que só podiam ser respondidas por alguns grupos da sociedade de então, podem ser percebidas como estratégias de distinção social que emergem de uma diferença que aparece num primeiro momento como musical. Colaborando com essa inferência, alguns registros em jornais da época indicam iniciativas que marcam a consciência de uma necessidade da preservação das distâncias dos lugares sociais de cada grupo, quando um frequentador solicita, abertamente, seleção mais rigorosa em seus critérios dos espetáculos e público do Teatro da Paz (Fonseca, 2005).

É importante observar que as práticas musicais às quais se teve acesso até o momento no Acervo, indicam proximidades com as práticas do restante do país. Se levadas em conta as datas registradas em algumas partituras, será possível perceber que os estilos, gêneros e instrumentos seguem caminhos semelhantes, se não os mesmos, aos da produção de que falam os livros de história da música brasileira. Aqui, a referência é à ênfase ao nacionalismo/ regionalismo expresso, por exemplo, musicalmente nas células rítmicas sincopadas de algumas danças ou no caráter seresteiro das valsas ou nos arranjos para pequenos conjuntos (piano e voz; piano, cordas e sopros de metal; piano, flauta, clarinete, cordas dedilhadas e percussão); e, literariamente, nos títulos e nas letras, que revelam o jeito do caboclo amazônida falar. Como na capital federal, essa primeira metade do século XX trouxe a Belém a influência norte-americana, com seus gêneros dançantes.

Simultaneamente, Belém tinha uma produção que reportava às estéticas anteriores ao século XX, sob influências especialmente do romantismo europeu, que no Acervo são reveladas em obras de somente alguns compositores que naquele continente receberam sua formação ao final do século XIX. Era essa a música ensinada no conservatório público local e que circulava nos teatros da cidade, em temporadas de festivais de música lírica e instrumental.

Ainda resta muito a analisar no material coletado desta pesquisa no Acervo "Vicente Salles". Mas, escapando do indicado pelas partituras, é necessário lembrar que há mundos musicais em Belém realizados com base na oralidade. Os livros e recortes de jornais desse mesmo Acervo informam sobre práticas musicais realizadas em parques, praças, ruas e terreiros que devem apontar a educação musical de outros grupos, indicando outras posições e disposições musicais e sociais na Belém de então.

A percepção das diversas práticas musicais contribuirá para o conhecimento da paisagem sonora de Belém da primeira metade do século XX, que decadente (como reflexo dos efeitos da crise econômica e política) ou não, sinalizará as sensibilidades musicais de uma época.

#### Referências Bibliográficas

- Fonseca, José Roberto Monteiro da (2005). *O vôo da fênix: música nos teatros de Belém (Colônia, Império e República)*. 249 f. Monografia (Especialização) - Universidade do Estado do Pará, Belém.
- Maia, Gilda Helena Gomes (2005). *Uirapurus Paraenses: de onde vem esse canto? História da vida musical dos Irmãos Nobre*. 325 f. Monografia (Especialização) - Universidade do Estado do Pará, Belém.
- Salles, Vicente (1970). *Música e músicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura.
- . (1994). *Épocas do teatro no Grão-Pará: ou Apresentação do teatro de época*. Belém: UFPA.
- Vieira, Lia Braga (2001). *A construção do professor de música: modelo conservatorial na formação e atuação do professor de música em Belém do Pará*. Belém: CEJUP.